

## **MOTIVAÇÕES DE JOVENS NA MOBILIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO SOCIOAMBIENTAL**

Dayse da Silva ALBUQUERQUE<sup>1</sup>; Maria Inês Gasparetto HIGUCHI<sup>2</sup>; Sylvia Souza FORSBERG<sup>3</sup>  
<sup>1</sup>Bolsista IC/FAPEAM/INPA; <sup>2</sup>Orientadora LAPSEA/INPA; <sup>3</sup>Co-orientadora LAPSEA/INPA

### **1. Introdução**

Durante os últimos anos a sociedade tem clamado com grande ênfase a participação cidadã como mecanismo chave nas políticas públicas. No caso do jovem essa participação pode ser ainda mais difícil, tendo em vista não apenas as demandas familiares e sociais para a busca de sua formação profissional e responsabilidades de auxílio na renda familiar, mas também a histórica inobservância do papel da juventude nas decisões de futuro para a sociedade. No que diz respeito às questões ambientais observa-se que não há uma participação tão notável quanto aquela relativa aos outros aspectos sociais. Apesar de haver uma preocupação entre alguns setores da sociedade, na prática a gestão da cidadania ambiental ainda é bastante diluída. Este estudo parte desta justificativa para contribuir num melhor embasamento técnico e prático para otimizar os processos participativos com enfoque na sustentabilidade e cuidado ambiental. Hart apud Higuchi (2008) salienta a necessidade da participação dos jovens como mobilizadores sociais. Para o autor, é preciso encorajar o jovem no que diz respeito às suas aprendizagens, a fim de que, por meio dessa participação, ele possa vivenciar e desenvolver comportamentos que gerem novas formas de situar-se no contexto social. Mas quais seriam as motivações dos jovens? Tendo em vista tais pressupostos, esse estudo tem como objetivo identificar as motivações entre os jovens envolvidos em atividades socioambientais no Estado do Amazonas.

### **2. Material e Métodos**

A pesquisa pode ser caracterizada como descritiva exploratória centrada numa abordagem qualitativa. Após um levantamento de grupos que atuam há mais de um ano em atividades socioambientais, os líderes dos grupos foram contatados para solicitar a colaboração com os jovens participantes para as entrevistas. A seleção dos participantes segue os critérios de homogeneidade grupal (idade, escolaridade, ser membro do grupo mesmo que seja eventual, mas esteja nele por mais da metade do tempo da existência do referido grupo).

A análise de conteúdo (Bardin, 1977) foi utilizada para análise dos dados coletados em uma entrevista grupal com a utilização da técnica de grupo focal (Barbour, 2009). Antes da entrevista em grupo foi solicitado a cada participante o preenchimento de um formulário contendo perguntas abertas e fechadas a respeito de sua história pessoal bem como dados de escolaridade, idade, gênero, interesses, renda econômica, trabalho, tempo de inserção comunitária e outros. O grupo focal é uma técnica de pesquisa qualitativa que nasceu de trabalhos de discussão em grupo na psicologia social. No grupo focal se elege um tema que é apresentado ao grupo. A discussão tem um moderador ou facilitador que intervém no sentido de troca de ideias e contrapontos de modo a fazer fluir a discussão. O moderador não emite opiniões, deixando que o grupo o faça. A discussão gerada durante o tempo no grupo se torna elemento para análise. Para estimular e orientar a discussão foi elaborado um roteiro preliminar que foi utilizado de forma flexível de acordo com o curso da discussão. Como participantes considerou-se o grupo como um todo a partir de sua caracterização como tal, tendo os membros e suas lideranças. Os grupos selecionados, por meio de seus coordenadores consentiram a participação na pesquisa através de assinatura em Termo de Anuência conforme previsto pela RE 196 do MS 1996 e devidamente aprovado no CEP do INPA sob Nº. 044-2010.

### **3. Resultados e Discussão**

A pesquisa foi realizada após a realização do teste piloto para verificar o desempenho da moderação da discussão, do registro e da observação, além de aspectos técnicos como posicionamento do gravador na sala, disposição dos participantes no espaço utilizado e desenvolvimento da técnica. A pesquisa foi realizada com 25 jovens, com idade entre 13 e 20 anos, sendo 17 do gênero feminino e 08 do gênero masculino, pertencentes aos

programas de Educação Ambiental: Jovens Ambientalistas (JA) de Manaus/AM e Coletivo Jovem de Meio Ambiente de Iranduba/AM (CJ-IRAN).

O projeto JA foi criado em 2008 sob coordenação do Laboratório de Psicologia e Educação Ambiental (LAPSEA) com ex-participantes do Projeto de Educação Ambiental "Pequenos Guias do Bosque da Ciência" (Higuchi e Farias, 2002). A demanda dos jovens egressos para uma continuidade no desenvolvimento de atividades de educação ambiental e participação em eventos deu origem ao grupo de JA. Participam desse grupo aproximadamente 50 jovens. Os pressupostos teóricos que fundamentam o projeto, segundo Higuchi e Farias (2008), abarcam princípios *"de formação integral e integradora, considerando os problemas ambientais a partir de uma realidade sociocultural vivida por esses jovens"*. A partir dos princípios e articulando a eles os conceitos de responsabilidade social e de mobilização coletiva, as atividades do projeto incluem atividades educativas, de participação cidadã e de inserção social. De modo particular os jovens se reúnem esporadicamente para desenvolver atividades educativas com grupos que visitam o Bosque da Ciência e participam de eventos de sensibilização ambiental realizados por instituições públicas e privadas.

Os Coletivos Jovens de Meio Ambiente (CJs) foram criados em 2003 durante a I Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente. De acordo com o Manual os CJs são caracterizados como *"grupos informais que reúnem jovens representantes ou não de organizações e movimentos de juventude que têm como objetivo envolver-se com a questão ambiental e desenvolver atividades relacionadas à melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida"* (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2005). O CJ-IRAN é um movimento social de juventude de caráter nacional que foi fundado em Iranduba em 2006 no evento Show das Águas, realizado pela Secretaria de Educação e outras entidades parceiras. O grupo tem como objetivo mobilizar jovens para o enfrentamento de problemáticas ambientais, buscando sensibilizar a população em geral. Atualmente participam do grupo cerca de 20 jovens. O CJ-IRAN participa de vários tipos de atividades, principalmente, formação de estudantes das escolas do município, por meio de palestras e oficinas que abordam questões socioambientais.

Os resultados obtidos a partir das discussões por meio do grupo focal tiveram duração média de 60 minutos. A discussão gerada no grupo tornou-se elemento para análise. A análise do conteúdo desenvolvido no grupo possibilitou a criação de categorias de pensamento a respeito das motivações, ou seja, o que leva os jovens a permanecerem engajados nas atividades promovidas pelo grupo (Tabela 1); dos aspectos positivos ou facilidades decorrentes da participação no programa (Tabela 2) e; dos aspectos negativos ou as principais dificuldades enfrentadas para se manter no grupo (Tabela 3).

**Tabela 1:** Motivos apontados pelos jovens para participar de grupos preocupados com temáticas socioambientais

Motivos	Definições
<b>Conhecimento e Curiosidade sobre o ambiente</b>	Faz referência à obtenção de conhecimento proporcionado pela participação no grupo, além da própria curiosidade dos participantes em conhecer coisas novas, em explorar os mais variados contextos e, dessa forma, adquirir novas experiências.
<b>Satisfação Pessoal e Social</b>	Diz respeito ao fato de mobilizar-se inicialmente a partir do incentivo de um amigo ou colega com quem se mantém uma relação afetiva significativa e, a partir disso, manter-se engajado. Além disso, corresponde à experiência adquirida devido à participação nos grupos, atrelada à motivação e aos sentimentos de utilidade e segurança, que fazem o jovem sentir-se responsável e reconhecido pelas atividades que pratica.
<b>Preocupação com os problemas atuais</b>	Corresponde à preocupação com problemáticas ambientais, além da percepção de que as atividades desenvolvidas pelos grupos auxiliam na construção de práticas mais sustentáveis para a minimização desses problemas. Refere-se ainda ao sentimento de que as ações praticadas oportunizam a transmissão dos conhecimentos adquiridos a outros, de forma a sensibilizar cada vez mais pessoas, principalmente jovens, a preservarem o Meio Ambiente e de que é possível, através dessas ações, modificar práticas e contextos considerados não sustentáveis, o que fortalece o protagonismo socioambiental.

A partir dessas categorias manifestas pelos participantes, é possível discutir alguns conceitos relativos à constituição dos grupos e às próprias características dos jovens. As motivações que auxiliam na permanência dos jovens enquanto grupos engajados com a temática socioambiental refletem conceitos como o de identidade coletiva definido por Dominguez (2006) como algo compartilhado por várias pessoas e que fortalece relações afetivas significativas e, nos permite articulá-lo ao constructo denominado sentimento de pertença citado por Higuchi e Cunha (2008) como um aspecto que permite aos membros de um grupo se reconhecer enquanto tal. As autoras discutem que esse sentimento de pertença aliado à satisfação pessoal e social apontada pelos jovens fortalece o engajamento e permite aos jovens reconhecerem-se como seres responsáveis e protagonistas, capazes de construir mudanças significativas no contexto social. O conceito trazido por Costa apud Higuchi (2008) tido como protagonismo socioambiental e juvenil pode ser visto como um reflexo dos comentários dos grupos participantes da pesquisa, pois devido à preocupação com problemáticas ambientais, tais jovens buscam alternativas minimizadoras para tais problemas. O Manual do Coletivo Jovem de Meio Ambiente enfoca ainda que os coletivos funcionam como redes que auxiliam na comunicação entre grupos propagando informações eficazmente, refletindo sobre a realidade na qual estão inseridos e traçando novos caminhos que possibilitem a construção de ambientes mais sustentáveis e uma sociedade mais igualitária (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2005).

**Tabela 2:** Aspectos Positivos alcançados nesse tipo de atividade e participação grupal

<b>Aspectos Positivos</b>	<b>Definições</b>
<b>Desenvolvimento Pessoal</b>	Engloba aspectos relacionados ao aprimoramento de habilidades sociais, como por exemplo, facilidade em falar em público, conviver harmoniosamente com as diferenças, adquirir responsabilidades para si, aspectos estes que fortalecem e facilitam o desenvolvimento do adolescente.
<b>Desenvolvimento Profissional</b>	Enfoca a perspectiva do refletir sobre a carreira profissional, tendo em vista, que tal escolha entrelaça-se com os objetivos do grupo e com a temática socioambiental e reflete ainda as influências que circulam como possibilidades para o mercado de trabalho, como por exemplo, a chance de participar de cursos e palestras que viabilizam certificados.
<b>Maior conhecimento científico</b>	Corresponde aos conhecimentos adquiridos com a participação efetiva no grupo e à manutenção dessa aprendizagem no decorrer do período em que se permanece engajado nas atividades desenvolvidas.
<b>Vivência de novas experiências</b>	Trata-se de oportunidades proporcionadas, principalmente por instituições, de conhecer lugares não habituais aos contextos em que os jovens encontram-se inseridos e de participar de atividades variadas, reconhecendo assim, a necessidade do jovem de adquirir experiências a partir das mais distintas vivências.
<b>Fortalecimento e Crescimento da Rede Social</b>	Faz referência a sentimentos como união, pertença, coletividade e identidade grupal. Tais sentimentos fortalecem o grupo e os faz reconhecerem-se como membros efetivos, o que leva a incentivo mútuo e coesão. Por meio do grupo há o prazer em participar das atividades promovidas pelo grupo, garantindo autonomia e mobilização.

Quanto aos aspectos positivos e as facilidades expressas pelos participantes da pesquisa no que diz respeito à participação nas atividades, pode-se apontar a proposta de Costa apud Higuchi (2008), quando o autor enfatiza que a construção de um relacionamento entre adulto e jovem permite a este engajar-se e mover-se em busca de objetivos de forma autônoma e consciente, o que auxilia no desenvolvimento pessoal/profissional e permite uma participação cidadã efetiva e o contato com experiências diferenciadas produtoras de novas aprendizagens. Além disso, os jovens ressaltam o sentimento de pertença como um dos aspectos mais fortemente positivos para a manutenção do grupo, pois os sentimentos de união, coesão e reconhecimento de si enquanto membro do grupo favorecem o engajamento e a atividade grupal interna. Higuchi e Cunha (2008) enfatizam que essa atividade grupal interna envolve diversos fatores cognitivos e afetivos que devem ser considerados quando se observa a dinâmica de um grupo.

Já os aspectos negativos e/ou as principais dificuldades enfrentadas nesse tipo de atividade pelos jovens, fica evidente o receio em expor tais problemas de forma explícita pela forte

carga afetiva entre os membros. Nesse sentido, Weller (2006) nos traz a ideia de que o grupo, para o jovem, torna-se um espaço no qual experiências serão compartilhadas, vivências satisfatórias e insatisfatórias e dúvidas ocorrerão dentro desse próprio contexto de relações com outros jovens. Tais experiências poderão gerar conflitos com os próprios membros ou com outros que estejam envolvidos direta ou indiretamente ao grupo. Zanella *et al.* (2002), citam como possibilidades geradoras de conflitos, disputas de mando, manifestações de controle e preconceito com membros novos ou com grupos que possuam propostas similares, o que se reflete em um nível de coesão interna prejudicial ao grupo.

Os jovens são unânimes na necessidade de reconhecimento e de apoio, principalmente financeiro, para o desenvolvimento das atividades. Higuchi e Cunha (2008) apontam que o reconhecimento externo é capaz de fortalecer o grupo, promovendo coesão e identidade grupal, o que auxilia no desenvolvimento do sentimento de pertença, fatores esses, apontados pelos jovens, essenciais para mantê-los engajados nas ações de cunho socioambiental.

**Tabela 3:** Aspectos Negativos enfrentados nesse tipo de atividade e participação grupal

<b>Aspectos Negativos</b>	<b>Definições</b>
<b>Falta de Reconhecimento</b>	Reflete a falta de reconhecimento de coordenadores de programas de cunho socioambiental, dos órgãos públicos e dos familiares, além da ausência de visibilidade das ações desenvolvidas pelos jovens. Traz em pauta ainda a pouca relevância atribuída à temática ambiental e o não reconhecimento do jovem como ser responsável e capaz de gerir ações efetivas para a melhoria do contexto social.
<b>Falta de Incentivo e Apoio Financeiro</b>	Refere-se principalmente a falta de recursos direcionados à promoção de atividades de sensibilização e de divulgação de conhecimentos da área ambiental, além de aspectos mais pontuais, como viabilização de bolsas, materiais didáticos e de expediente, transporte e um local para reuniões. Supõe ainda os obstáculos enfrentados pelos membros do grupo que levam a reflexões sobre a importância de se engajar nessas ações e do valor que elas possuem para a sociedade, pois se considera complicado ter iniciativa e autonomia quando não se percebe a existência de reconhecimento e incentivo dos demais.
<b>Pouca disponibilidade de tempo</b>	Trata da dificuldade do jovem em conciliar atividades escolares e recreativas com as atividades promovidas pelo grupo, tendo em vista que é necessário tempo para planejar e promover atividades com perspectivas de melhorias sociais.
<b>Dificuldades nos relacionamentos interpessoais no grupo</b>	Abrange situações em que os jovens encontram dificuldades em compreender aspectos do mundo adulto e dos próprios jovens que participam do grupo. Incluem-se os sentimentos de desconforto frente às diferenças dos demais, o excesso de coesão interna que dificulta a entrada de novos membros no grupo e que potencializa as dificuldades nas relações, os conflitos com os limites e regras estabelecidos pelos coordenadores, a dificuldade em escolher pessoas que possam representar o grupo, entre outras.

#### 4. Conclusão

Os diversos pontos levantados pelos jovens neste estudo corroboram com aspectos levantados pela literatura e auxiliam na maneira de perceber tais jovens envolvidos em atividades de cunho socioambiental. Traz ainda a perspectiva de que tais jovens necessitam de um reconhecimento externo para se manterem fortalecidos e de um apoio, principalmente dos adultos, pois estes almejam uma visibilidade e uma percepção de que são responsáveis e capazes de realizar ações eficazes e passíveis de gerar melhorias nos cenários mais abrangentes que o da família e da escola. A pesquisa permite identificar as motivações dos jovens inseridos nesse tipo de atividade e perceber quais os parâmetros positivos e negativos dessa participação, possibilitando que novos grupos sejam formados e novos espaços sejam viabilizados para que os jovens possam discutir e aprimorar suas ações e cada vez mais reafirmarem seu protagonismo juvenil e sua participação cidadã.

## 5. Referências

- Bardin, L. 1977. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edição 70.
- Barbour, R. 2009. *Grupos Focais*. Trad. Marcelo Figueiredo Duarte. Porto Alegre: ARTMED. 216p.
- Brasil. 2005. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. Ministério da Educação. Coordenação-Geral de Educação Ambiental. *Coletivos Jovens de Meio Ambiente: Manual Orientador*. p. 1-40.
- Domínguez, M.I. 2006. Los movimientos sociales y la acción juvenil: apuntes para un debate. *Sociedade e Estado*. Brasília. 21 (1): 67-83.
- Higuchi, M.I.G.; Farias, M.S.M. 2002. *Pequenos Guias do Bosque da Ciência: trajetória de uma experiência de educação ambiental com crianças na Amazônia*. Manaus: INPA. 127p.
- Higuchi, M.I.G. 2008. Construindo caminhos de protagonismo socioambiental com adolescentes. In: Castro, L.R.; Besset, V.L. (org.). *Pesquisa-Intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Nau Editora. p. 224-243.
- Higuchi, M.I.G.; Cunha, D.C. 2008. Práticas de envolvimento socioambiental com moradores do entorno de uma Reserva Florestal em Manaus-AM. *Psicologia para América Latina*. [online] Portugal. 13: 0-0.
- Weller, W. 2006. Grupos de Discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. *Educação e Pesquisa*. São Paulo. 32(2): 241-260.
- Zanella, A.V.; Lessa, C.T.; Ros, S.Z. 2002. Contextos Grupais e Sujeitos em relação: Contribuições às reflexões sobre grupos sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Santa Catarina. 15(1): 211-218.